



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL

Andréa Portolomeos

Universidade Federal de Lavras, Departamento
de Estudos da Linguagem
Lavras – Minas Gerais

RESUMO: Este texto pretende mostrar uma pequena parte do pensamento de Luiz Costa Lima, na sua incontornável obra, O controle do imaginário. Obra incontornável porque pensa sobre discursos que historicamente determinaram o lugar de inverdade, de mentira, do discurso ficcional, invalidando a ficção como via de construção de saberes, como via de relativização de verdades social e culturalmente estabelecidas. Este trabalho tem a intenção, então, de provocar leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto à nossa própria imaginação - exercitada em altíssimo grau pela literatura - na interpretação do mundo e da sociedade que constituímos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Imaginário. Controle.

THE IMAGINARY AS ROAD OF TRANSGRESSION OF THE REAL

ABSTRACT: This text has the objective of showing a small part of the thought of Luiz Costa Lima, in his uncontrollable work, The

control of the imaginary. It is an indispensable work because it thinks about discourses that historically determined the place of untruth, of lie, of fictional discourse, invalidating fiction as a way of building knowledge, as a way of relativizing socially and culturally established truths. The aim of this work is therefore to provoke readings, researches and dialogues on the historical construction of a veto to the fictional which is ultimately a veto to our own imagination - exercised to a very high degree by literature - in the interpretation of the world and of the society we constitute.

KEYWORDS: Literature. Imaginary. Control.

1 | O CONTROLE DO IMAGINÁRIO NA PERSPECTIVA DE LUIZ COSTA LIMA

Este texto pretende mostrar uma pequena parte do pensamento de Luiz Costa Lima, na sua incontornável obra, O controle do imaginário. Obra incontornável porque pensa sobre discursos que historicamente determinaram o lugar de inverdade, de mentira, do discurso ficcional, invalidando a ficção como via de construção de saberes, como via de relativização de verdades social e culturalmente estabelecidas. Este trabalho tem a intenção, então, de provocar leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao

ficcional que é, em última instância, um veto à nossa própria imaginação - exercitada em altíssimo grau pela literatura - na interpretação do mundo e da sociedade que constituímos.

Vou destacar aqui e tentar desenvolver precária e basicamente, com o apoio no texto de Luiz Costa Lima, 4 ideias propostas por ele no sentido da investigação desse controle. 1)- Como a ideia de subjetividade surge historicamente?; 2)- Como ela se manifesta na poesia quando do seu surgimento?; 3)- Como o discurso subjetivo passa a ser orientado pelo discurso da Razão?; 4) Quais as consequências desse controle da subjetividade?

Segundo Costa Lima, Hans Ulrich Gumbrecht, grande medievalista contemporâneo, analisa a crise que sacudiu a Alta Idade como resultante da “pouca flexibilidade da estrutura mental então dominante” (COSTA LIMA, 1989, p.12). Essa estrutura mental pouco flexível era consequência, entre outras, “da cosmologia cristã de então que apresentava para cada experiência uma única interpretação” (p.12). Por outro lado, no período da Baixa Idade Média, mais precisamente nos séculos XIV e XV, podemos entrever uma “maturação da experiência da subjetividade” (idem, ibidem) iniciada no século XII. Nesse sentido, deixa-se de crer que a verdade foi inscrita nas coisas do mundo pela divindade que se revelava por sinais inequívocos. “Cada fenômeno passa a admitir vários sentidos e ao sujeito passa a caber a apreensão do sentido adequado” (idem, p.12). A subjetividade adquiria, assim, uma função de acréscimo. Ou seja, a ordem cósmica tradicional, teologicamente formulada, não era mais suficiente na explicação do mundo; então, “ao sujeito individual cabia a descoberta da Razão orientadora” (idem, p.13) dessa explicação.

Luiz Costa Lima lembra Block, outro medievalista, que avalia o movimento de reconhecimento da subjetividade a partir do século XII. Esse autor discute, por exemplo, as mudanças nos processos judiciais: “o direito na primeira Idade Média não levava em conta os motivos ou intenções do ofensor, pois Deus, e não o homem, era o único capaz de avaliar a intenção”. (idem, p.14) “Deus manifesta a verdade do sucedido através de sinais visíveis e inequívocos, expressos no resultado de um duelo.” (idem, p.14) Block avalia que essa forma de resolução judicial começa a ser corrompida no século XII.

É ainda Costa Lima quem destaca que o século XII é o século da luta entre a centralização do Estado e a aristocracia feudal; é o século de início de ascensão do indivíduo e do realce de sua subjetividade contra os interesses da nobreza feudal. A ascensão do indivíduo pode ser expressa em novas formas literárias em que a subjetividade assume um papel relevante. Ainda de acordo com o teórico, a atenção dedicada ao sujeito individual nos novos gêneros se relaciona também aos interesses da centralização do Estado e da burguesia nascente, em contraposição aos valores e princípios da aristocracia feudal (quais sejam: preservação de uma comunidade de sangue, da tradição e da ideia de uma justiça divina que manifestar-se-ia por sinais externos).

É importante lembrar, como o faz Costa Lima, que Paul Zumthor, na emblemática obra *A letra e a voz*, vai destacar a presença do eu na poesia medieval. Entretanto para que esse eu não seja confundido como expressão de uma individualidade, resta lembrar que o autor distingue duas situações básicas na poesia medieval:

1)- um eu vazio enquanto referente, cuja presença se esgota no entrelaçamento das peças do poema; 2)- uma literatura de papéis fixos, obediente a topoi seculares e a uma tradição impessoalizada.” (COSTA LIMA, 1989, p.16)

Dito de outra forma, importa observar que na poesia medieval “o eu lexicalizado não corresponde ao eu da pessoa que escreve” (idem, p.16), ou seja, “a experiência textual não integra a experiência pessoal; o eu é uma forma vicária, flutuante, que declara apenas a voz que o pronuncia. Poesia quase totalmente objetivada, diz Zumthor” (idem, p.16). Importa destacar aqui, o que Zumthor advertiu em sua obra, isto é, ao longo do século XV, essa situação se transforma; a poesia ganha, então, um “eu saturado de pessoalidade” (idem, p.17).

Ainda no século XV, a reprodução tipográfica desestabiliza o esoterismo que marcava a cultura manuscrita; nesse sentido, pense nas condições materiais e sociais dos manuscritos. Progressivamente, avalia Zumthor, a cultura perdia seu caráter iniciático. Ou seja, “a forma escrita serve de base para o estabelecimento de um novo conjunto de valores”. (idem, p 19).

Ao passo que na lírica dos séculos XII e XIII dominava a ligação da poesia com a música, com a memória e com a oralidade, a poesia dos séculos XIV e XV estava fundada no canto e “no sentimento do eu”, assim como renunciava à memória confiando sua produção à forma escrita. (idem, p.19)

Luiz Costa Lima, com base na leitura das crônicas de Fernão Lopes, nos mostra que a subjetividade na primeira metade do século XV esboçava seus empregos possíveis. Ela podia: 1)- ser utilizada como “desserviço da verdade” (idem, p.21) na poesia 2)- “dar ensejo ao choque de opiniões” (idem, p.21) ou 3)- “estar subordinada à verdade, condição só satisfeita quando canalizada em favor da Razão” (idem, p.21), daí a legitimação do discurso historiográfico como um discurso superior ao da ficção na medida em que ele é capaz de revelar, através de sua objetividade, de sua racionalidade, a verdade inscrita nos fatos.

De acordo com Costa Lima, o entendimento do mundo pelo homem presume uma prática de exercício da Razão e a extirpação de uma subjetividade associada ao ato de recontar os fatos de maneira a favorecer quem conta ou de acordo com os costumes do tempo em que se vive.

Curiosa e estranhamente, o historiador nega sua historicidade para que se mostre como diáfano (límpido) servo da verdade; intemporaliza a razão para que se tenha como por ela traspassado. (idem, p.22)

O lugar da razão torna-se o “posto solar”; o lugar da opinião, inseguro. A entrada da doxa no reino do historiador não é simples e só se dá pela “desmundanização do historiador, isto é, por sua capacidade de resistir e vencer a própria subjetividade”

(idem, p.23), “no exame e na captura dos fatos, pela indagação dos prós e contras relativos a certa posição, pelo desencavar afinal da verdade” (idem, p.23). Segundo Costa Lima, a História começava se constituir como discurso da razão, desdenhoso do discurso da ficção. A posição do discurso histórico relativa à ficção será esta: as belas-letas (ou a poesia) se afastam do caminho da verdade.

Em conformidade com o pensamento de Costa Lima, os caminhos possíveis para a permanência da ficção entre nós serão: 1)- ou admitir o Império da Razão e declarar sua inferioridade enquanto via de acesso ao conhecimento; 2)- ou procurar um compromisso com a Razão. A segunda via será a opção escolhida e, para isso, será decisiva a contribuição da Retórica. A Retórica, como representante do discurso ficcional, se aliava então à História. A Retórica dava à História uma solução para um de seus pontos fracos como discurso da Razão: o olhar individual do historiador.

O vício (o olhar individualizado) do historiador era próprio do senso comum, da gente comum; então, a solução estava em se conceber o discurso historiográfico como parte de uma elite, o que se fez pela aprendizagem da arte de falar e escrever bem, ou seja, da Retórica. (idem, p.24)

Nesse movimento de necessário compromisso da ficção com o discurso da Razão, cabe ainda citar o esforço das poéticas renascentistas em elaborar uma compreensão própria da mimesis aristotélica (como imitação literal) para controlar as expressões da individualidade que tendiam a se manifestar na poesia. “A imitação estabelece a triagem entre os verdadeiros artistas e os que não o são”. (idem, p.25) Segundo essas poéticas preceptísticas, sem o princípio do modelo a ser imitado, “o eu-poético se tornaria uma entidade selvagem, incontrolável, incapaz de respeitar hierarquias” (idem, p.26), impossibilitando assim a classificação de seus textos em nobres ou vis.

Segundo Costa Lima, “o veto à ficção não é um veto à subjetividade em si mesma” (idem, p.26). Abre-se historicamente uma possibilidade de legitimação para a subjetividade, mas essa legitimação só será alcançável se a subjetividade abrigar um modelo aceitável pelos estudiosos e eruditos da época: a nobreza da linguagem (elegantia sermonis) nos moldes dos autores considerados modelares pelos preceptistas das poéticas. Ou ainda, a subjetividade se conformava à objetividade racional dos modelos a serem imitados.

Concluindo esse breve panorama que tem como objetivo predominante fomentar novas incursões pela citada obra de Luiz Costa Lima, a recuperação da subjetividade como elemento produtor fora dos limites da Razão acontecerá somente no século XVIII, mais especificamente com os movimentos das escolas românticas. Entretanto, sabemos que o acesso ao conhecimento pela via da intuição ou da emoção continuou historicamente superposto pela Razão, ainda que muitas grandes obras da literatura evidenciem o quanto a arte, sem se subordinar a essa verdade histórica e socialmente construída, se revela válida na investigação da realidade. Resta-nos hoje uma importante tarefa: pensar quais discursos apagam, na contemporaneidade, a importância do literário - mesmo que muitas vezes sob uma forma camuflada de

validação da literatura - como forma de libertação de verdades pré-concebidas e de compreensão mais larga da vida e do mundo.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Moretti. O romance: história e teoria. In: **Novos estudos. - CEBRAP** no.85. São Paulo. 2009. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009000300009>> Acesso em 01 de novembro de 2017.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos.** Rio de Janeiro: Forense, 1989.

ZUMYHOR, Paul. **A letra e a voz.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

